

OS TRÁGICOS ACIDENTE- MENTOS DO CHILE ENSINAMENTOS PARA OS REVOLUCIONÁRIOS DE TODO O MUNDO

★ A PRÓPRIA IDEIA DE SUBORDINAR PACÍFICAMENTE OS CAPITALIS-
TAS À VONTADE DA MAIORIA DOS EXPLORADOS, DA PASSAGEM AO SO-
CIALISMO POR VIA PACÍFICA, REFORMISTA, NÃO É SOMENTE UMA ES-
TUPIDEZ MESQUINHA EXTREMA, MAS TAMBÉM UMA ALDRABICE PURA E
SIMPLES EM RELAÇÃO AOS OPERÁRIOS, O ENBELEZAMENTO DA ESCRA-
VATURA ASSALARIADA CAPITALISTA, A DISSIMULAÇÃO DA VERDADE.

A VERDADE É QUE A BURGUESIA, MESMO A MAIS ESCLARECIDA E
A MAIS DEMOCRÁTICA, HOJE NÃO HESITA EM RECORRER A QUALQUER
EMBUSTE OU CRIME PARA MASSACRAR MILHARES DE OPERÁRIOS E CAM-
PONESES PARA SALVAR A PROPRIEDADE PRIVADA DOS MEIOS DE PRO-
DUÇÃO. SÓ O DERREBAMENTO DA BURGUESIA PELA VIOLÊNCIA, A CON-
FISCAÇÃO DOS SEUS BENS, A DESTRUIÇÃO DO CONJUNTO DO APARE-
LHO DE ESTADO BURGUEZ, DA BASE AO TOPO, APARELHO PARLAMEN-
TAR, JUDICIAL, MILITAR, BUROCRÁTICO, ADMINISTRATIVO, MUNICI-
PAL, ETC, E MESMO INCLUSIVAMENTE A DEPORTAÇÃO OU O INTERNA-
MENTO EM BLOCO DOS MAIS PERIGOSOS E OBSTINADOS EXPLORADORES
COLOCANDO-OS SOB UMA ESTREITA VIGILÂNCIA A FIM DE COMBATER
AS INEVITÁVEIS TENTATIVAS DE RESISTIR OU RESTAURAR A ESCRA-
VATURA CAPITALISTA - SÓ ESTAS MEDIDAS PODEM ASSEGURAR A VER-
DADEIRA SUBORDINAÇÃO DO CONJUNTO DA CLASSE DOS EXPLORADORES.



LENINE

OS TRÁGICOS ACONTECIMENTOS DO CHILE, ENSINAMENTOS
PARA OS REVOLUCIONÁRIOS DE TODO O MUNDO

O embate contrarrevolucionário no Chile continua a reprimir furiosamente as massas trabalhadoras, os patriotas e os combatentes deste país. As forças de direita que usurparam o poder através do golpe de estado de 11 de Setembro lançam um tempo tal, que exauria irruja no mais refinado dos maquis. O povo é torturado e assassinado do subitamente sob qualquer pretexto em plena rua, nos locais de trabalho, em toda a parte. Até os estudantes foram torturados em campos de concentração. Nas praças, tal como na Alemanha Nazi, queimou-se literatura marxista e espalhava-se a cultura progressista.

No mesmo tempo que as partições democráticas, os sindicatos e as organizações de resistência são postas fora da lei; cai sobre todo o país um obscurantismo nefasto.

Nas primeiras horas do cenário político surgem agora as forças mais venenosas, os ultra-reacionários fanáticos, os agentes do imperialismo norte-americano.

As liberdades democráticas, que o povo havia conquistado com a sua luta e à custa de derramamento de sangue, desapareceram no espaço de um dia.

Os acontecimentos no Chile afectam não só o povo chileno, mas todos os forças revolucionárias, progressistas e amantes da paz do mundo. Por isso, cabe não só aos revolucionários e trabalhadores chilenos tirar as lições destes acontecimentos, mas também aos revolucionários de outros países.

Aqui, naturalmente, não se trata de analisar os detalhes e as circunstâncias de novo carácter nacional, ou os actos isolados e particularidades da Revolução Chilena, ou as deficiências e os erros que não vão além do seu espaço interno.

Referimo-nos àquelas leis gerais que nenhuma revolução pode passar por cima e, que pelo contrário, toda a revolução é obrigada a ter em conta. Trata-se de focar e apreciar à luz dos acontecimentos chilenos os pontos de vista correctos e os incorrectos na questão da teoria e da prática da revolução, de verificar quais são as teses revolucionárias e as que são oportunistas, de ver quais as atitudes e os actos que contribuem para a Revolução e os que contribuem para a contra-revolução.

O governo de Allende golpeou duramente quer a oligarquia nacional quer os monopólios norte-americanos, que detinham nas suas mãos os sectores chave, e dignificou a lei no país. Foi o inspirador desta linha progressista e anti-imperialista de libertação anti-imperialista na América Latina e converteu o seu país em asilo para to-

dos os combatentes pela liberdade perseguidos pelos gorilas e juntas militares da América do Sul. Apoiou sem reserva os Movimentos de Libertação e anti-imperialistas dos povos, e solidarizou-se até ao fim com a luta que travam os povos Vietnamita, Cambojano, Palestiniano e outros.

Mas, poderiam acaso os latifundiários chilenos que viam as suas terras serem repartidas pelos camponeses pobres, perdoar a Allende esta linha de acção política?

Poderiam acaso os industriais de Santiago suportar por muito tempo verem-se expulsos das fábricas e plantações que foram nacionalizadas?

E as companhias norte-americanas que perderam o seu poderio?

Era mais que certo que estes um dia se passassem de acordo para derrubá-lo e recuperar os privilégios perdidos. Mas aqui põe-se uma pergunta lógica: sentiria Allende a atmosfera que o rodeava, e daria ele conta dos "complots" que se tramavam contra o seu governo?

Certamente que sim. A reacção actuava abertamente. Assassinau ministros, funcionários dos partidos governamentais e simples empregados.

Por instigação da reacção, e sob as suas ordens, foram organizadas as greves contra-revolucionárias dos proprietários de camiões, dos médicos e de outras camadas da pequena burguesia. Por fim a reacção experimentou inclusivé a força com um golpe de estado militar praticado em Junho não tendo todavia alcançado o objectivo que se propunha. Em dada altura foram descobertos alguns planos da CIA-ITT para derrubar o governo legítimo de Allende.

Estas investidas da reacção interna e externa deveriam ter sido suficientes para tocar o alarme e para pensar nas coisas convenientemente. Teriam sido suficientes para por em prática a grande lei de toda a Revolução: quer dizer: contrapor à violência contra-revolucionária a violência revolucionária.

O presidente Allende não fez nada não se moveu do sítio. Naturalmente que não se pode acusá-lo de falta de ideais. A causa por que lutava, amava-a com toda a alma e tinha firme confiança na sua justeza. Não lhe faltava valor pessoal e estava resolvido a demonstrá-lo, como efectivamente o demonstrou, inclusivé chegando ao sacrifício supremo. Mas a sua tragédia consiste em que, recorrendo à razão, confiava poder convencer as forças reaccionárias a renunciar à sua actividade e ceder a bem as suas antigas posições e privilégios.

No Chile pensava-se que as mais ou me

por velhas tradições democráticas que o parlamento, a actividade legal dos partidos políticos, a existência duma imprensa livre, etc. eram uma barreira intransponível para qualquer força reaccionária que tentasse arrebatá-lo e o poder recorrendo à violência das armas.

Mas a realidade comprovou o contrário. O golpe de estado das forças de direita provou que a burguesia tolera algumas liberdades enquanto não são afectados os seus interesses essenciais, e que quando os vê ameaçados não olha a meios nem éticas.

As forças revolucionárias e progressistas no Chile sofreram agora uma derrota. Esta é bastante grave, mas passageira. Pode-se derrubar um governo constitucional, pode-se assassinar milhares de homens e criar dezenas de campos de concentração. Mas o espírito de liberdade, o espírito rebelde de um Povo não podem ser assassinados nem encarcerados.

O povo resiste, o que demonstra que as massas trabalhadoras não aceitam a derrota, que estão dispostas a tirar dela os ensinamentos e seguir em frente pelo caminho revolucionário. A luta de libertação contra a reacção e o imperialismo tem os seus zig-zags e os seus altos e baixos. Não deixa dúvidas que o Povo Chileno, que deu tantas provas de elevado patriotismo, que manifestou tanto amor à liberdade e à justiça, que tanto odeia o imperialismo e a reacção, saberá mobilizar as suas forças, lutar taca a taca contra os seus inimigos e conseguir a vitória definitiva.

Aquilo que para os chilenos é uma grande desgraça, mas passageira, para os revisionistas contemporâneos é um fracasso em todos os aspectos, é uma bancarrota das suas teorias oportunistas. Começando pelos revisionistas de Moscovo e passando pelos italianos, franceses e outros, a "experiência chilena" era apresentada como o exemplo concreto que comprovava as suas "novas" teorias em torno da "caminha pacífica da revolução", a marcha para o socialismo debaixo da direcção de vários partidos, à cerca da sensatez do imperialismo, da extinção da luta de classes nas condições de coexistência pacífica, etc.. A imprensa revisionista especulava sobremaneira com a "via chilena" para pôr assim em relevo as teses oportunistas do XXº Congresso do PCUS e os programas reformistas e utópicos do tipo toglattista.

Os revisionistas esperavam que a "experiência chilena" fosse não só uma comprovação das suas teorias sobre o "caminho parlamentar", mas também do seu modelo "clássico da construção debaixo da di-

recção duma coligação de partidos marxistas e burgueses. Esperavam ver confirmarem-se as suas teses de que se pode passar ao socialismo através das eleições parlamentares e sem a revolução, de que, o socialismo pode ser construído não só sem a destruição do velho aparelho estatal da burguesia, mas com a sua ajuda, não só sem a interrupção do poder revolucionário popular, mas renegando-o. As teorias da "coexistência pacífica" e do "caminho pacífico parlamentar" preconizadas em primeiro lugar pelos revisionistas soviéticos, pelos revisionistas italianos, franceses e seus seguidores, são em grande parte responsáveis pela propagação das ilusões pacifistas e atitudes oportunistas face à burguesia e pelo afastamento da luta revolucionária. Em todos os documentos programáticos dos partidos revisionistas do ocidente publicados após o XXº Congresso do PCUS, absolutizou-se o "caminho pacífico" de transição do capitalismo para o socialismo, enquanto que a via não pacífica foi excluída em definitivo. Na prática isto fez com que os partidos renunciassem definitivamente à luta revolucionária e passassem a reivindicar sómente reformas ordinárias de carácter puramente económico ou administrativo. Transformaram-se em partidos da oposição burguesa e apresentaram a sua candidatura para assumir a administração dos bens da burguesia, tal como até agora vêm fazendo os velhos partidos social-democratas.

O Partido Comunista do Chile, uma das principais forças do governo de Allende, era fiel partidário das teses Kroutchevistas sobre a "transição pacífica" tanto em teoria como na prática. Obedecendo ao bastião cegado de Moscovo este partido defendia que a burguesia nacional, assim como o imperialismo, tinham mudado de natureza, tornando mais tolerantes, mais razoáveis; que nas novas condições da luta de classes supostamente criadas pelo actual desenvolvimento mundial, não havia condições para passar à contra-revolução.

Mas tais teorias, ou outras similares, como demonstrou uma vez mais o caso actual do Chile, fazem com que as massas trabalhadoras permaneçam indecisas e desorientadas, que o seu espírito revolucionário decretaça, que fiquem desmobilizadas ante as ameaças da burguesia; fazem com que se paralise a sua capacidade e as suas possibilidades de emprender acções revolucionárias decisivas contra os planos e actividades contra-revolucionárias da burguesia.

Os revisionistas, tal como advertiram os verdadeiros partidos marxistas-leninistas e como o tempo o comprovou, eram contra a revolução e aspiravam a transformar este país numa base da contra-revolução, tal como transformaram a União Soviética num país capitalista. Durante muito tempo batalharam

para semear a confusão nas fileiras dos revolucionários e para sapatar a revolução. Em diversas regiões do mundo e a todo o momento, actuavam como bombeiros das batalhas revolucionárias e das lutas de libertação nacional.

"Embora, por demagogia se manifestem favoráveis à Revolução - disse o camarada Enver Hoxha - com os seus pontos de vista os revisionistas esforçam-se por a foga-la desde o embrião, ou em sabotá-la quando já tiver estalado".

O afastamento do marxismo-leninismo, o abandono dos interesses de classe do proletariado e a traição à causa de libertação nacional dos povos, conduziram os revisionistas à completa negação da revolução. Para eles a teoria e a prática da revolução reduzem-se a algumas reivindicações reformistas, que podem ser satisfeitas no marco da existência do regime capitalista, sem afectar as suas bases. Os revisionistas pretendem demonstrar que hoje se apagou a linha de demarcação entre a revolução e as reformas, que nas actuais condições do desenvolvimento mundial, a revolução violenta não é mais necessária já que, segundo eles, a revolução técnica e científica vem eliminando as contradições sociais de classe da sociedade burguesa e é um meio para a integração do capitalismo no socialismo, e para a criação de uma "nova sociedade", na qual será alcançado o bem-estar para todos. Quer dizer, segundo esta lógica não se pode falar mais de exploradores e explorados, a revolução social deixou de ser necessária, assim como a destruição da máquina do estado burguês e a instauração da ditadura do proletariado.

Atrás da máscara do leninismo e do seu desenvolvimento criador, os revisionistas aspiram a dominar o mundo, transformando-se assim em social-imperialistas.

Começaram com a coexistência pacífica krouchevista, com a luta pacífica, com o mundo sem armas e sem guerras, com o caminho parlamentar, etc, para terminar numa União Soviética onde foi restaurado o capitalismo e o socialismo degenerou em social-imperialismo.

Por isso estão contra a revolução e a luta dos povos pela libertação, contra os partidos comunistas que se mantiveram fiéis ao marxismo-leninismo e que o vem defendendo resolutamente. Para alcançar os seus objectivos, sobretudo a extinção das lutas de libertação e dos movimentos revolucionários, os revisionistas aumentaram a sua teoria da "transição pacífica". Revendo uma questão fundamental do marxismo, como é a teoria sobre a revolução, e fazendo propaganda das

suas teses oportunistas pretendem persuadir os operários a renunciar à luta revolucionária de classe, a submeter-se à burguesia e à escravidão capitalista.

Por outro lado, a "coexistência pacífica" que os dirigentes soviéticos proclamaram como a linha fundamental da sua política exterior, e que pretenderam impôr a todo o movimento comunista e de libertação nacional, fazia parte de todo um plano estratégico para chegar a um amplo acordo com o imperialismo, com o fim de sufocar os movimentos revolucionários e as lutas de libertação, tentando dessa maneira concentrar e ampliar as zonas de influência.

Os revisionistas esforçaram-se por utilizar este tipo de coexistência, que negava convenientemente os interesses dos imperialistas e da burguesia, integrando-a em uma actividade subversiva tendente a desarmar as massas quer ideológica quer politicamente, a baixar a sua vigilância revolucionária e desmobilizá-las, para assim se deixar indefesas ante os futuros ataques dos imperialistas e dos social-imperialistas.

Foi isso que os revisionistas efectivamente fizeram. Os revisionistas soviéticos, assim como os demais revisionistas que lograram usurpar o poder, minaram o Partido despojando-o da teoria revolucionária, deitando por terra e pisando as normas leninistas, abrindo o caminho ao liberalismo e à degenerescência no país.

Difundindo as suas teses antimarxistas tais como: "o capitalismo está integrado no socialismo, que "os partidos não proletários podem ser portadores dos ideais socialistas e 'dirigentes' da luta pelo socialismo", de que países onde a burguesia nacional está no poder "marcham" também para o socialismo, os revisionistas tratam assim de negar não só a teoria sobre o partido de vanguarda da classe operária, como também de privar a classe operária da sua direcção perante os ataques organizados da burguesia e da reacção.

A história demonstra, e os acontecimentos do Chile - embora aqui não se tratasse de socialismo mas de um regime democrático - puderam novamente a clare que a instauração do socialismo através da via parlamentar é inteiramente impossível.

Em primeiro lugar há que reconhecer que até à data jamais a burguesia permitiu que os comunistas governassem a pátria no parlamento e formassem o seu próprio governo. Inclusive, em algum caso particular em que os comunistas e seus aliados puderam assegurar um equilíbrio a seu favor no parlamento e entrar na composição do governo, isto não foi todavia suficiente para mudar o carácter burguês do parlamento e do governo, e a sua actividade jamais chegou ao pon

to de tornar possível a destruição da velha máquina estatal e levar à criação de outra nova.

Nas condições em que a burguesia tem nas suas mãos o aparelho burocrático administrativo, o facto de assegurar uma "maioria parlamentar" que mude os destinos do país, é não só impossível como além disso improvável.

Os instrumentos fundamentais da máquina estatal da burguesia são o poder político, económico e as forças armadas. Enquanto estas forças permanecerem intactas, quer dizer enquanto se mantiver o velho aparelho policial, serviços secretos, etc, não há nenhuma garantia de que um parlamento ou um governo democrático possam sobreviver por muito tempo.

E não foi só no Chile; em tantos outros países provou-se que são precisamente as forças armadas comandadas pela burguesia que lançaram os golpes de estado contra-revolucionários.

Os revisionistas krouchevistas doburparam deliberadamente as teses tão claras e precisas de Lenine sobre a participação dos comunistas no parlamento burguês e sobre a tomada do poder das mãos da burguesia, gerando assim uma grande confusão. É sabido que Lenine não recusava a participação dos comunistas, em determinados casos, no parlamento burguês. Mas considerava esta participação unicamente como uma tribuna para defender os interesses da classe operária, para desmascarar a burguesia e o seu poder, para impor à burguesia a adopção de algumas medidas em favor dos trabalhadores. Mas ao mesmo tempo Lenine prevenia quem lutar para utilizar o parlamento no interesse da classe operária, há que abster-se de alimentar ilusões parlamentares e da falsidade do parlamentarismo burguês.

"A participação no parlamentarismo burguês - dizia Lenine - é necessária ao ao partido revolucionário do proletariado para o esclarecimento das massas em torno das eleições e da luta do partido no parlamento. Mas, circunscrever a luta de classes à luta dentro do parlamento, ou considerar esta luta como a mais elevada e última, como a forma determinante a que se subordinam todas as outras formas de luta, significa passar de facto para o lado da burguesia, contra o proletariado".

Lenine, ao criticar o "cretinismo parlamentar" dos representantes da II Internacional, que transformaram os seus partidos em partidos eleitorais, assinalou claramente onde conduz o parlamentarismo em ideologia, em política e na prática. Lenine sublinhava que "o estado burguês não pode ser substituído pelo estado proletário (pela ditadura do prole-

ariado) mediante a "extinção". mas simmente, e como regra geral, mediante a revolução violenta. Apontava que a "necessidade de educar sistematicamente as massas nesta ideia, precisamente nesta ideia da revolução violenta, é algo de básico em toda a doutrina de Marx-Engels."

Cingindo-se à "via parlamentar", os revisionistas contemporâneos não fazem mais do que trilhar cegamente o caminho de Kautsky e seus seguidores. Mas, quanto mais avançam por este caminho tanto mais se desmascaram e maiores são as derrotas que sofrem. Toda a história do movimento comunista e operário internacional mostra que a revolução violenta, a destruição da máquina estatal da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado constituem a lei geral da revolução proletária. "A marcha para o comunismo, assinalava Lenine, leva-se a cabo mediante a ditadura do proletariado e não pode ser de outro modo, porque não há outra classe nem outro caminho para reprimir a resistência dos exploradores capitalistas".

Na etapa do imperialismo, tanto nos seus princípios como agora, existiu e existe sempre o perigo da instauração da ditadura militar fascista, e tantas vezes quantas os monopólios vejam os seus interesses correrem perigo. Além disso provou-se que, sobretudo a partir do final da 2ª Guerra Mundial até aos nossos dias, que o imperialismo dos Estados Unidos, o inglês e outros, acudiram em ajuda das burguesias de diversos países para dar uma mão àqueles governos, ou para reprimir as forças revolucionárias que, duma forma ou doutra, punham em perigo os alicerces do sistema capitalista.

Enquanto existir o imperialismo, manter-se-à a sua política de ingerência nos assuntos internos dos demais países, manter-se-à a possibilidade de complots contra-revolucionários, de liquidação das forças progressistas e democráticas, de esmagamento da revolução.

É o imperialismo norte-americano que sustentou e sustenta os regimes fascistas em Espanha e Portugal, que incita o ressurgimento do fascismo na Alemanha e do militarismo Japonês, que apoia os regimes racistas da África do Sul e da Rodésia, e que no seu país mantém os negros na discriminação, que ajuda os regimes reacionários da Coreia do Sul e os fantochas de Saigão e Phnom Penh, enfim, o que instiga a agressão sionista e ajuda Israel a manter os territórios árabes ocupados. É a partir dos Estados Unidos que sopram e sopram todos os ventos furiosos do anti-comunismo, da opressão nacional e da exploração capitalista. Nos países da América Latina, com rara excepção, o imperia-

lho norte-americano levou ao poder regimes fascistas típicos, que oprimem e exploram implacavelmente os povos. Todas as armas que abrem fogo contra os manifestantes neste continente, que assassinam operários e camponeses, não só são de fabrico norte-americano, como incluídas fornecidas pelos norte-americanos.

O golpe militar fascista no Chile não é certamente obra da reacção interna, mas deve-se também ao imperialismo. Durante três anos sem cessar, todo o tempo que o presidente Allende esteve no poder, as forças chilenas de direita foram instigadas, organizadas e impulsionadas na sua acção contra-revolucionária pelos Estados Unidos. A reacção chilena e os impérios norte-americanos vingaram-se Allende porque este seguiu uma política progressista e anti-imperialista. A actividade de apoio dos partidos de direita e de todas as forças reaccionistas, os seus actos de violência e de terror estavam estreitamente ligados com a pressão que os impérios norte-americanos exerciam sobre Chile, com o bloqueio económico e a guerra política que lhe fazia o governo norte-americano.

Por trás da junta militar estava a CIA, a mesma não criminosa que tantos golpes levou a cabo na América Latina, na Indonésia, no Irão e noutros países. Os acontecimentos do Chile mostraram uma vez mais a verdadeira face do imperialismo norte-americano. Provaram uma vez mais que ele foi e continua sendo um furioso inimigo de todos os povos, feroz inimigo da justiça e do progresso, das lutas pela liberdade e pela independência, da revolução e do socialismo.

Não a contra-revolução no Chile não é só obra das forças claramente reaccionistas e dos imperialistas. O governo de Allende foi sabotado e combatido com a maior dureza pelos círculos democratas e outras correntes da burguesia, embora não radicais e democráticas, forças similares àquelas com que os partidos comunistas da Itália e França pretendem apontar para chegar ao socialismo através da reforma e do caminho pacífico parlamentar. Sobre o partido de Frey no Chile não recai somente a "responsabilidade intelectual", como pretende alguém afirmar, de facto que se ligou a negociar e a colaborar com o governo de Allende, ou de ser desleal para com o governo legítimo. Este partido é responsável por ter sabotado, recuando a todo o custo, a actividade normal do governo, por se ter unido com as forças de direita para minar a economia nacionalizada e provocar a confusão no país, por haver cometido inúmeras acções de subversão.

Além disso, esforçou-se por criar a aquela atmosfera política e espiritual que precede a contra-revolução.

Também os revisionistas soviéticos estão implicados nos acontecimentos do Chile. Milhares de fides visíveis e invisíveis unem os dirigentes soviéticos com o imperialismo norte-americano quando se trata de intrigas e complots. Eles não pensaram nem quiseram ajudar o governo de Allende quando este estava no poder, porque assim chocariam com o imperialismo norte-americano, o que iria em detrimento das suas cordiais relações. Estas atitudes dos revisionistas kruschevitas acerca do Chile e da teoria da revolução não se corrigiram apenas no caso dos acontecimentos do Chile; havia-se já verificado anteriormente nos sucessivos e trágicos acontecimentos no Irão, quando a reacção interna atacou várias vezes o Partido Tudeh, encarcerou centenas de milhares de comunistas revolucionários progressistas, enquanto que os revisionistas soviéticos não toqueram sequer ao modo de levantar o dedo, nem muito menos romper as relações diplomáticas.

O mesmo se verificou nos acontecimentos da Indonésia, onde foram assassinados e massacrados cerca de 500.000 comunistas e progressistas. Também neste caso os revisionistas soviéticos ficaram indiferentes, não empreenderam qualquer acção nem tão pouco pensaram retirar a embaixada de Djakarta.

Estas atitudes dos revisionistas soviéticos não são casuais. São o testemunho da existência da sua colaboração secreta com os imperialistas norte-americanos para sabotar os movimentos revolucionários e para sufocar as lutas de libertação dos povos.

Esta atitude revela-se do mesmo modo no carácter demagógico que reveste agora a ruptura das relações diplomáticas com o Chile tão ruidosamente declarada pelos revisionistas soviéticos.

Esta é a realidade. Enquanto que as suas palavras sobre a suposta solidariedade com o povo chileno, assim como todos os demais actos demagógicos, servem para mascarar, para enganar a opinião pública e para ocultar a sua traição à revolução e aos movimentos de libertação dos povos.

O governo soviético rompe com as relações diplomáticas no Chile tratando de aproveitar a ocasião para se fazer passar por defensor das vítimas da reacção, como se estivesse do lado dos que lutam pela liberdade e pela independência, como se os revisionistas defendessem os regimes progressistas. Com esta manobra "diplomática", os dirigentes soviéticos pretendem atenuar os ataques e deter a repercussão da reunião dos países não alinhados que teve lugar em Argel quanto aos seus interesses hegemónicos sobre os povos, desde que há muito abandonaram o apoio à revolução e aos movimentos libertadores.

6 Os revisionistas ajudam alguns regimes progressistas enquanto isso redundam em favor dos seus interesses imperialistas; mas não vão mais além. Inclusive não se envergonham de manter relações diplomáticas regulares com um regime tão desacreditado e fracassado como o de Lon Nol, levantando por outro lado uma cortina de silêncio em redor duma luta tão gigantesca como aquela que trava o povo Cambojano. Mas a ruptura de relações diplomáticas com o Chile prossegue do mesmo modo objectivos concretos. Trata-se de impedir que os revolucionários perseguidos encontrem asilo político na embaixada da União Soviética, tal como encontraram nas embaixadas do México, Argentina, Perú, etc.

Os acontecimentos do Chile mostram uma vez mais perante os olhos do mundo inteiro toda a tragédia que pesa sobre os povos da América Latina. Trouxe novamente ao de cima as deficiências, as falhas e as debilidades da revolução neste continente, assim como os diffi-cultades avulsos, plenas de obstáculos que atravessa.

Mas estes acontecimentos não constituem um ensinamento restrito aos revolucionários da América Latina. Devessem tirar ensinamentos todos os revolucionários do mundo, todos os que lutam pela libertação nacional e social, contra a intervenção e violência imperialistas, pela democracia e pelo progresso da humanidade.

No mesmo modo, não há excepção para os revolucionários da União Soviética, que se devem levantar contra os cabecilhas revisionistas do seu país e deitar abaixo todas as teorias oportunistas e anti-leninistas.

Do mesmo modo devem os revolucionários de França, Itália, e doutros países capitalistas avançados, tirar lições dos acontecimentos do Chile, e combater resolutamente o revisionismo e rechaçar as teorias reacçãoárias das "vias parlamentares pacíficas" que os togliattistas e demais revisionistas difundem.

Estamos convencidos que os acontecimentos no Chile, a investida fascista da reacção contra as conquistas democráticas do povo Chileno, a intervenção do imperialismo yankee e o apoio que este dá à junta militar, serão um acicate para todos os povos do mundo, para que se mantenham vigilantes, recusem decididamente as palavras de ordem demagógicas dos imperialistas, revisionistas e oportunistas de qualquer tipo, e para que mobilizem todas as suas forças na defesa audaz da liberdade e da independência na

cional, da paz e da segurança.

TIRADO DA "ALBANIA HOJE" (SUPLEMENTO),

Nº. 4 - 1973

- EDITORIAL DO "ZERI I POPULLIT"
(A VOZ DO POVO), ORGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA -